



29 - COSTA MATOS

COSTA MATOS

*José COSTA MATOS, filho de Sebastião Gomes de Matos e de Teresa Alves da Costa, nasceu em Ipueiras, no dia 29 de outubro de 1927. Fez o curso primário no Grupo Escolar Padre Angelim, de Ipueiras, e o curso secundário no Colégio Sobralense (Sobral). Licenciou-se em Letras Anglo-germânicas pela Universidade Federal do Ceará. Foi fundador e professor da Escola Normal Rural de Ipueiras e do Colégio Otacílio Mota, também de Ipueiras. Professor da Faculdade de Filosofia Dom José, de Sobral. É Auditor Fiscal do Tesouro Nacional, cargo que exerceu na cidade de Santos (São Paulo) e agora exerce em Fortaleza. Foi professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará e atualmente é professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Obras publicadas: **Pirilampos** (1947), **As Viagens** (s/d.), **O Sono das Respostas** (1980), **Na Última Curva da Esperança** (1982), e **O Povoamento da Solidão** (1991). Costa Matos tem conquistado diversos prêmios literários, seja no terreno da poesia, da ficção ou do ensaio. Já foi premiado num concurso de contos da revista **A Cigarra**, do Rio de Janeiro; num concurso de monografias sobre educação tributária, promovido pelo Ministério da Fazenda, em Brasília; no Concurso Nacional de Contos promovido pelo Governo da Bahia, e também no concurso de contos promovido pela Fundação Assefaz, de São Paulo, em 1987 e no concurso realizado pela mesma entidade em 1988. Com o livro de poemas **O Povoamento da Solidão**, conquistou o Grande Prêmio Minas Cultura (XII Prêmio Emílio Moura — Poesia), da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Na abertura do livro, editado em Belo Horizonte, figura uma carta de Pedro Nava ao poeta, na qual, entre outras coisas, diz o saudoso memorialista: "Que poesia bravia, revoltada, orgulhosa e tão sensível à nossa hora que passa — Veja-se 'O Homem e seus medos' que destaquei porque muito me atingiu. O medo tem sido a minha constante, desde que me*

entendi por gente. Medo das coisas que você aponta como temerosas e hoje — medo do Brasil. (...) E sua poesia me diz que nossa única fuga é mesmo pela própria poesia."

RETROSPECTO

Ortem é um país

que fica neste mundo de Deus. As coisas mais antigas vividas por nós dois mostra, em dias de extremas e raras são coisas, em nós dois, dos anseios suprimidos de esquecer quem fomos e o peso das lembranças.

PRUDÊNCIA

Leva um facho

A tanta luz chegaste, a tanta luz, chegamos a ser bons e a perfeições também que ainda estou a pensar que nunca te perdi...

O MILAGRE DE NÃO VER

Nada me surpreende

Passo na tua e observo: eles têm olhos e não sabem. Dormem,

ADVERTÊNCIA

Com o peso do mundo

debruçados sobre o milagre imenso dos próprios olhos. Pensam que esta tua entumescida é o Espaço. Pensam que esta hora patética de angústias é o Tempo... O MILAGRE DAS PACIÊNCIAS ITINERANTES

Os pés dos homens são frágeis

PRESSÁGIOS

Como foi bela e sábia a vida que tivemos!
Lições em tudo... em tudo... em tudo... até nas brigas
havia água e semente e terra e sol e espigas,
pra nossa fome de entender tudo o que vemos

neste mundo de Deus. As coisas mais antigas
vividas por nós dois mostravam que os extremos
são somas, em nós dois, dos anseios supremos
de socorrer quem tomba ao peso das fadigas.

Era nosso o destino altíssimo de ver,
era nossa a ambição do topo das montanhas,
sabíamos o dia antes de alvorecer...

A tanta luz chegaste, a tanta fé subi,
chegamos a ser bons e a perfeições tamanhas,
que ainda estou a pensar que nunca te perdi...

O MILAGRE DE NÃO VER

Passo na rua e observo:
eles têm olhos e não sabem.
Dormem,
debruçados sobre o milagre imenso
dos próprios olhos.
Pensam que esta rua enfumaçada
é o Espaço.
Pensam que esta hora parteira de angústias
é o Tempo...

O MILAGRE DAS PACIÊNCIAS ITINERANTES

Os pés dos homens são frágeis,

mas a teimosia de seus passos
acaba alisando
as pedras da rua.

RETROSPECTO

Ontem é um país
que fica
entre a saudade e o esquecimento.

De O Sono das Respostas (1980).

PRUDÊNCIA

Leva um facho:
as esperanças
também anoitecem...

SOBRE AS MALEDICÊNCIAS DA AMARGURA

Nada de surpresas:
as ações analfabetas de amor
também recebem estátuas...

ADVERTÊNCIA

Com o peso de tantos medos
nos olhos,
teus passos vão magoar
os caminhos...

IDENTIFICAÇÃO

A multidão aclamará
Rei
o homem que se apresentar
vestido de espelhos.

De Na Última Curva da Esperança (1982).

LOUVAÇÃO A ANDRÉ BRETON (A MENTIRA DAS APARÊNCIAS SENSORIAIS)

A flor, o mar, o rosto de meu filho,
pão na mesa, o retrato de meu pai,
o circo, a vaca a olhar o pé de milho,
o azul da serra, a névoa que se esvai;

a igreja, o sino, o padre, o mapa, o trilho
sob a pedra que finge, mas não cai;
a pupila estrangeira do andarilho,
a carta sem razão que já não vai;

Judas, a queima, a Festa da Aleluia,
meus banhos de menino, a grotta, a cuia,
bênçãos brancas da preta Juliana...

Nada disso, em verdade, eu vi no mundo?
Faltou-me a luz e aquele olhar profundo,
mais forte que a ilusão da raça humana?

DESPERDÍCIO

Como as espigas,
as lições também apodrecem
no esquecimento das colheitas.

O PÃO NOSSO DE CADA DIA

Não tenham pena da angústia dos poetas:
há viveiros de esfinges e auroras.
E os poetas comem palavras sedativas
que caem do banquete dos mistérios.

LOUVAÇÃO A ARTHUR KOESTLER

Acredita nos presságios.
A ciência ainda não lê o estatuto
da sociedade anônima das coincidências.

O DESVARIO DAS BÚSSOLAS BÊBADAS

Não basta um mapa e o traço azul das rotas.
Há momentos, na festa dos navios,
em que até as bússolas
ficam bêbadas.

AMBIGÜIDADE

Há palavras que rosnam como os cães
e afugentam,
indistintamente,
os ladrões e os amigos.

PASSARAM

Passaram como infâncias... águas... tais
como os aviões, avoantes, folhas secas,

manhãs de flores, tardes de pardais
e as falsificações de eternidades.

Que levaram, enfim? Toda essa gente
quis carregar alguma coisa, é certo:
planta que desce um galho sobre a rua
perde uma folha pra quem passa perto.

Passaram. Padres que não leram Bíblias,
Picassos que perderam seus pincéis,
astrônomos que olhavam para o chão.

Estiveram na escola, eram doutores.
E fica, indecifrada, a alma dos dias,
cartas de Deus que poucos sabem ler.

De *O Povoamento da Solidão* (1991).